



HISTÓRIAS DE VIDA E CORPOREIDADES: INGRESSO DE PESSOAS SURDAS NA UNILAB - UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

Tamara Vieira da Silva

Mestra em Antropologia, UFC/UNILAB, Redenção, CE. E-mail: tamaravdasilva@gmail.com

Resumo: A fim de compreender a experiência de pessoas surdas a partir da UNILAB como campo, esta pesquisa problematiza as categorias de surdez e deficiência perpassando pelas corporeidades envolvidas nessa investigação. O ponto de partida para essa reflexão se ancora na definição do fenômeno da deficiência como uma produção cultural desnaturalizando a surdez enquanto uma experiência dada apenas pela sua condição biológica, considerando-a também a partir das suas dimensões sociais. Objetiva-se assim analisar como a experiência com a surdez se molda na universidade a partir da intersecção entre os marcadores trazidos pelas pessoas surdas interlocutoras dessa pesquisa. Respondendo a questão central dessa pesquisa: como o ingresso de pessoas surdas tem acontecido na UNILAB? As respostas são pensadas considerando também as minhas vivências enquanto irmã de uma pessoa surda e intérprete em língua de sinais da instituição em análise.

Palavras-chave: Educação Superior, Deficiência, Histórias de Vida, Surdez.

Introdução

O ingresso de pessoas surdas em espaços majoritariamente compostos por pessoas ouvintes remete a um campo de questões cuja compreensão envolve uma complexidade que exige sua contextualização. Essa complexidade se dá, dentre outras questões, pelos contornos linguísticos, corpóreos e políticos que estas questões podem alcançar.

As minhas condições de aproximação com o campo da UNILAB se deram a partir da minha admissão como servidora exercendo a função de tradutora/intérprete em língua de sinais no ano de 2016. Antes de começar a atuar profissionalmente como tradutora, outros percursos me conduziram a esta escrita e, para descrevê-los, usarei minha voz em primeira pessoa.

Sou uma mulher negra ouvinte, irmã de uma mulher surda e fazemos parte de um núcleo familiar de pessoas ouvintes que não falam língua de sinais.

Desde a infância, eu tive contato com formas de se comunicar com a minha irmã e também com outras pessoas surdas que faziam parte do ciclo de amigos e amigas dela. Assim, nós duas fomos desenvolvendo uma comunicação em casa que perpassa pela língua de sinais e também pela oralidade, tendo em vista que meus pais nunca aprenderam Libras, que é a Língua de Sinais Brasileira, língua que a minha irmã hoje usa para se comunicar.

Ao iniciar meus estudos acerca da surdez e ao visitar a literatura sobre o tema eu pude identificar que parte desses conflitos observados no bojo da minha família fazem parte da maioria das experiências das pessoas surdas que nascem e crescem em contextos familiares de pais ouvintes não falantes das línguas de sinais.

A partir de um recorte autobiográfico contextualizo meus pertencimentos, sentimentos e descobertas diante das relações que tive com comunidades surdas. E essas relações podem ser



interpretadas quando a emergência no campo da antropologia da subjetividade ser considerada enquanto constituidora do nosso objeto de conhecimento².

Nesse sentido, esse trabalho é um recorte de um estudo sobre o ingresso e a permanência de pessoas surdas em uma universidade localizada no interior do Ceará, a UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, que concorda com os apontamentos de Collins e Bilge¹ quando se referem às faculdades e universidades como espaços que hoje:

(...)abrigam um número maior de estudantes que, no passado, não tinham condições de pagar pelo ensino superior (questões de classe); ou estudantes que historicamente precisaram lidar com barreiras discriminatórias à matrícula (devido a questões de raça, gênero, etnia, autoctonia, estatuto de cidadania); ou estudantes que enfrentam diferentes formas de discriminação (questões relativas a orientação sexual, capacidade, religião) nos campi. Faculdades e universidades se confrontam com estudantes que desejam equidade, mas trazem experiências e necessidades muito diversas para o campi¹.

Assim, o objetivo desses levantamentos é analisar como a experiência com a surdez ganha forma na UNILAB a partir dos marcadores sociais evocados nas biografias dos interlocutores surdos e interlocutoras surdas. Esse objetivo se dá a fim de respondermos a seguinte questão: como o ingresso e permanência nesta universidade tem sido vivenciado a partir das perspectivas trazidas pelas pessoas surdas que a compõem? A compreensão antropológica dessas perspectivas é possível, pois podemos compreender etnograficamente a categoria

de deficiência o que significa entendê-la nas relações sociais em que elas se inserem³. Diante disso, as histórias de vida de cinco pessoas surdas e seus encontros em uma universidade pública são a fonte para esta investigação.

Material e Método

No decorrer desses anos de atuação como intérprete/tradutora com essas pessoas fui elaborando o desenvolvimento de simpatia pelas reivindicações de um grupo para que tenhamos acesso às informações que nos permitem conhecer o cotidiano delas⁴. Essa simpatia foi desenvolvida na medida em que acessei as demandas que eram trazidas por movimentos sociais, sobretudo os que perpassavam os institutos voltados para educação de surdos, a Associação de Surdos do Ceará, pelas minhas relações familiares e práticas profissionais

Conquistar a confiança necessária para ter acesso às informações que tive e tenho perpassa por uma relação de reconhecimento acerca das demandas trazidas por esse grupo. Assim, essa investigação remete, a priori, a essas convivências e as diferentes relações de proximidades e afastamentos⁴, que envolvem os encontros de subjetividades: minha e de pessoas surdas.

Nesse cenário a “ida a campo” da pesquisa se caracterizou num primeiro momento pela minha reaproximação com os informantes, depois busquei um primeiro contato com mais duas pessoas surdas - uma que ingressou num curso de pós-graduação durante o ano de 2020 - e outra que vinha perdendo a audição e precisou de assistência para assistir as aulas



de graduação à distância. Esses contatos foram a partir de um aplicativo de troca de mensagens e vídeos pela internet.

Ao ter um retorno positivo, pedi que gravassem vídeos também se apresentando e falando sobre as seguintes temáticas: descoberta da surdez, percursos educacionais, ingresso e inserção na UNILAB. Resultante dessas produções recebi vinte e nove vídeos de cinco interlocutores, sendo apenas um deles realizado a partir da língua portuguesa em sua modalidade oral. Os outros vinte e seis foram através da língua de sinais brasileira. O caráter de incorporar a internet ao cotidiano e à pesquisa etnográfica⁵:

(...) reconhecemos as dinâmicas da incorporação, permanecemos alertas às possibilidades de movimentação inesperada de dados e às novas formas de conexão, e tentamos manter o foco em como as situações emergem e ganham sentido para as pessoas. E fazemos escolhas conscientes, atentos às perguntas de pesquisa que nos impulsionam e às questões que desejamos que nossas descobertas enderecem⁵.

A partir da tradução desse material senti a necessidade de reunir algumas informações pertinentes às histórias contadas nos vídeo e conhecer elementos socioeconômicos dos participantes. A fim de alcançar essa compreensão apliquei um questionário de identificação através do Google Forms - um formulário de perguntas e respostas disponibilizado pela Google - que foi compartilhado com os interlocutores e interlocutoras via aplicativo de troca de mensagens, seguido de um vídeo produzido por mim em língua de sinais e língua portuguesa explicando do que se tratava o formulário.

Nesses contatos eu entendo a língua de sinais como ponte para meu contato com as pessoas surdas, sua ordem política e dialógica, assim como a minha atuação enquanto intérprete como determinante para que esses métodos fossem possíveis de serem aplicados. O que quero dizer com isso é que falar em língua de sinais enquanto ouvinte me permite formular a partir das “circunstâncias interativas em campo”⁶, os meus interesses de pesquisa de forma direta. Então na medida em que íamos conversando, os meus interesses teóricos e metodológicos foram se constituindo e dando forma a essa pesquisa. O que busco destacar então enquanto relevante para o trabalho é o “caráter da não formalidade do trabalho antropológico”. Tendo em vista que conversar em Libras fez parte não só das entrevistas semiestruturadas filmadas ou de necessidades institucionais, mas também das trocas involuntárias e não-intencionais no cotidiano partilhado na universidade.

Resultados e Discussão

Partindo então da universidade como ambiente cultural de análise ao percebê-la como espaço onde se entrecruzam as trajetórias até então trazidas, trajetórias estas que são constituídas pelo trânsito dos interlocutores e interlocutoras em outros ambientes tais como: núcleo familiar, escolas, comunidades surdas e localizações geográficas.

Imbricadas corporalmente as experiências com a surdez foram contextualizadas a partir de alguns recortes envolvendo relações familiares, trajetórias escolares e relações linguísticas. Essa



contextualização permite que se compreenda quais condições foram moldando os cenários que hoje se entrecruzam e são acionadas no universo analisado.

Interpretamos esses agenciamentos a partir da noção de que “o corpo é terreno da experiência e não objeto dela”:

O social não pode ser pensado como um objeto, por cima dos sujeitos sociais, ou como objeto de pensamento. É antes, sim, uma estrutura intersubjetiva, concreta, re-produzida através da ação incorporada. Consiste em locais de significado partilhado e em interação mútua (mesmo que conflitual), em que os corpos agem e são passivos de ação sobre eles. São agentes e alvos de poder⁷.

Além desse ponto, é importante mencionar as observações a propósito de algumas inquietações que ocorrem ao pesquisar sobre comunidades surdas que também me perpassaram:

Haveria, por exemplo, alguma correlação negativa entre melhor desempenho na língua de sinais e nível de renda e/ou escolaridade? Em outros termos: pessoas surdas de classes sociais mais altas tenderiam a receber treinamento com vistas à oralização, com ajuda da fonoaudiologia, diferentemente de surdos de camadas mais pobres, aos quais não restaria outra alternativa para comunicação senão a língua de sinais⁸?

Ao considerar a universidade enquanto campo em que histórias de vida se cruzam as experiências aqui narradas são interpretadas como aquilo que se quer explicar, como fonte para reflexões de um modo o que se conta como “experiência não é nem auto evidente, nem definido; é sempre contestável, portanto, sempre político”⁹.

Assim, a proposta de conduzir essa escrita por esses percursos e cruza-los na UNILAB corresponde ao desejo de entender as experiências com a surdez nesse campo como algo não definido e contestável,

que não perpassasse por verdades homogeneizadoras, pois parte-se do pressuposto que a surdez não é o único marcador determinantes dessas experiências.

Considerações Finais

Diversos fatores interferem e particularizam como as políticas de acesso contribuem para inserção e manutenção desse público na universidade e considerando as histórias de vida dos interlocutores surdos e surdas dessa pesquisa destaca-se alguns: o apoio que receberam ou não dos familiares, os acessos que tiveram nas instituições de ensino que estudaram antes de chegar à universidade e a aquisição linguística que tiveram a partir das duas línguas com as quais tiveram contato: língua de sinais e língua portuguesa.

O pensamento ocidental vem sendo caracterizado por séculos pela predileção das abordagens biológicas em detrimento de outras no que diz respeito às explicações acerca das diferenças humanas e das hierarquias sociais¹⁰. A pesquisadora parte dessa concepção para pensar de maneira interdisciplinar as relações de gênero associadas à sociologia do conhecimento e a perspectivas africanas. Estendendo sua reflexão para interpretar as trajetórias das pessoas surdas ao identificar quais abordagens moldam suas identidades significa compreender como leem seus corpos e como estes, por sua vez, são lidos socialmente tendo em vista que:

Consequentemente, uma vez que o corpo é o alicerce sobre o qual a ordem social é fundada, o corpo está sempre em vista e à vista. Como tal, invoca um olhar, um olhar de diferença, um olhar de diferenciação - o mais historicamente



constante é o olhar generificado. Há um sentido em que expressões como “o corpo social” ou “o corpo político” não são apenas metáforas, mas podem ser lidas literalmente¹⁰.

Ao relacionar concepções corporais para adentrar às questões de deficiência, reflito sobre essa consideração acerca das abordagens de análises sobre gênero e raça¹⁰. Penso que seja possível refletir também sobre o significado social que a deficiência pode adquirir no nosso contexto de pesquisa já que há alguns relatos aqui trazidos que acionam o caráter social e político que perpassa as vivências corporais dos interlocutores e das interlocutoras.

É preciso atenção para a relevância enquanto antropólogas de distinguirmos do que se trata as nossas pré-concepções e do que se trata a própria experiência sensorial das pessoas com as quais temos trabalhado¹¹:

(...) nem sempre as pessoas surdas sentem que suas experiências sensoriais diante do mundo são incompletas em detrimento de outras, sobretudo, quando essas pessoas não estão numa condição temporária de surdez ou não tiveram outros parâmetros sociais que não os que perpassam pela condição não-auditiva¹¹.

Assim, entende-se as experiências corporificadas para além de um instrumento de participação coletiva e que estas podem variar entre ser deficiente, estar deficiente ou se tornar deficiente.

Referências

1. Bilge S, Collins PH. Interseccionalidade. Boitempo; 1 ed. 2021.
2. Grossi MP. Trabalho de campo, ética e subjetividade. 1 ed. Tubarão: Copiart: Florianópolis, Tribo da Ilha: Capítulo 2, Na busca do “outro” encontra-se a “si mesmo. 2018; 19-28.
3. Lopes P. Deficiência como categoria de análise: Trânsitos entre ser, estar e se tornar. In: Anuário Antropológico. 2019; 44(1):67-91.
4. Schwade E. Poder do “sujeito”, poder do “objeto”: relato de uma experiência de pesquisa em um assentamento de trabalhadores rurais. In: GROSSI Miriam Pillar, [et al.] (Org.). Trabalho de campo, ética e subjetividade. 1 ed. Tubarão: Copiart: Florianópolis, Tribo da Ilha. 2018; 29-38.
5. Hine C. A internet 3E: uma internet incorporificada, corporificada e cotidiana. Tradução: PREIRAS, Carolina; LINS, Beatriz. Cadernos de Campo. 2020; 29(2):1-42.
6. Rego FCVS, Porto RM. Às voltas com a escrita e com o outro: intersubjetividades e diferenças de gênero na antropologia. In: GROSSI Miriam Pillar et al. (org.). Trabalho de campo, ética e subjetividade. 1. ed. Tubarão; Copiart: Florianópolis; Tribo da Ilha. 2018; 105-120.
7. Almeida MV. O corpo na teoria antropológica. Rev Comunicação e Linguagens. 2004; 33:49-66.
8. Magnani JGC. “Vai ter música?”: para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo. I. Ponto Urbe, 1. São Paulo: 2007. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1239>>. Acesso em 27 fev 2021.
9. Scott J. Experiência. In: SILVA Alcione Leite, LAGO Mara Coelho de Souza, RAMOS Tânia Regina Oliveira. (org.). Falas de gênero. Santa Catarina: Editora Mulheres. 1999.
10. Oyěwùmí O. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. Nova York: Routledge. 2002; 391-415. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento. 2002.
11. Ingold T. Pare, olhe, escute. Visão, audição e movimento humano. Ponto Urbe. 2008. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1925>>. Acesso em 31 mar 2021.